

GUERRA E TRAUMA NO ROMANCE A ÚLTIMA CANÇÃO DA NOITE, DE FRANCISCO CAMACHO

War and trauma in the novel The last song of the night, by Francisco Camacho

*Diogo Duarte do Prado**

Universidade Federal do Rio Grande

Resumo: O artigo *Guerra e trauma no romance “A última canção da noite”, de Francisco Camacho*, têm como objetivo analisar a presença de tais aspectos na narrativa do autor português, refletindo acerca de como a presença da guerra gera traumas em um indivíduo, fazendo com que tenha seus atos conduzidos e sua vida comprometida pelos conflitos. Mais especificamente, em tal ficção, vê-se o personagem Jack Novak, guitarrista de sucesso da banda “The Bitters”, envolvido, por ligações familiares, aos eventos catastróficos da guerra civil da Jugoslávia, na década de 1990, situação a qual ele tenta por um momento se afastar, mas não consegue, afetando-o assim permanentemente, fazendo-o se questionar quanto à própria vida, marcando-o na memória com as cenas aterrorizantes da guerra, característica esta peculiar do trauma. Como base teórica para tal proposta de trabalho, usufruir-se-á da filosofia de Arthur Schopenhauer (1788-1860) e Friedrich Nietzsche (1844-1900), que abordam a temática do homem como propagador da dor e a necessidade que o mesmo sente em entrar em conflito, impondo suas vontades ao outro, respectivamente; da psicanálise de Sigmund Freud (1856-1939), atentando para o comportamento compulsivo e repetitivo do indivíduo traumatizado; a ideia de trauma como resultado da cultura, de uma era pós-catástrofe que nunca passa, apresentadas por Primo Levi (1919-1987) e por Márcio Seligmann-Silva (1964); dentre outros pensadores que corroboram para o desenvolvimento de tais temáticas sobre a guerra e do trauma.

Palavras-chave: Guerra. Trauma. História. Literatura Portuguesa.

Abstract: The article *War and trauma in the novel The last song of the night, by Francisco Camacho*, has as an objective to analyze the presence of these aspects in the narrative of Portuguese author, reflecting back on the presence of war created traumas in the person, making it your actions are moved and your life affected by the conflicts. More specifically, in the literary fiction, see the character Jack Novak, success guitar player of the band “The Bitters”, involved, because of familial relationships, on the catastrophic events from the civil war in



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons - Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

* Doutorando em Letras – História da Literatura na Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Mestre em Letras – História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Graduado em Letras português/espanhol pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). E-mail: diogoduarte@hotmmail.com.

<https://orcid.org/0000-0003-0232-7333>

Yugoslavia, in the 1990s, situation that he tries for a moment move away, but cannot, affect he permanently, making he question to own life, marking he in the memory with the terrifying scenes of the war, peculiar characteristic of the trauma. As the theoretical basis for the academic work proposal, will be used for philosophy of Arthur Schopenhauer (1788-1860) and Friedrich Nietzsche (1844-1900), that address the theme of a man with pains propagator and the necessity that the same feel in to a conflicted, impose your wills to the other, respectively; for the psychoanalysis by Sigmund Freud (1856-1939), pay attention to compulsive behavior and repetitive of the traumatized people; the idea of trauma as a result of culture, of an era post-catastrophe that will never go, presented by Primo Levi (1919-1987) and Márcio Seligmann-Silva (1964); among others thinkers that corroborate for the development of themes about war and trauma.

Keywords: War. Trauma. History. Literature portuguese.

Recebido em: 13/05/2018

Aceito em: 13/09/2018

Em *A última canção da noite* (2013), do escritor português Francisco Camacho (1969), é apresentada a personagem Jack Novak, guitarrista consagrado da banda The Bitters. Um indivíduo que alcançou o sucesso profissional, mas que, inesperadamente, desaparece, sem deixar quaisquer rastros. Tal desaparecimento é um dos fatores principais que se relacionam com o tema da guerra e do trauma, que serão desenvolvidos neste trabalho.

Logo no início da narrativa, tem-se Jack acordando assustado, tenso, vindo daquilo que parece ser um sonho conturbado, envolto pelo “eco prolongado da rajada de metralhadora” (CAMACHO, 2013, p. 11). O pesadelo o incomoda consideravelmente, fazendo com que o seu coração acelere e não tenha a menor vontade de sair do quarto. A partir desta primeira impressão, nota-se que existe na personagem uma dor, contudo não uma dor simples, passageira, mas algo que o marcou, que lhe causa pânico, invadindo o seu íntimo.

Para Jack Novak, mesmo com todas as conquistas as quais obteve junto a seus companheiros de banda, o mundo parecia desinteressante, fútil, sem o menor sentido. Os motivos da postura vinda da personagem são dois: o primeiro se deve ao fato de ter conquistado a glória máxima como músico, o que acaba com qualquer possível sentimento de ambição. O segundo, este de verdadeira importância e que será mais explorado aqui no artigo, é a brutalidade a qual presenciou na guerra, mais especificamente na guerra civil da Jugoslávia, que se passou entre 1991 e 1995.

Poder-se-ia sintetizar que o guitarrista desaparece devido aos impactos que, de alguma maneira, o embate entre Sérvia e Croácia lhe causaram. Entretanto, antes é necessário compreender qual é, especificamente, a relação de Novak com este conflito. O esclarecimento surge, curiosamente, a partir de seu sumiço. Após muitos anos vivendo longe dos holofotes, dado inclusive como morto, Jack Novak retorna, encontrando-se com Victor Capri, um homem influente no cenário musical, para que este contate David, um crítico de música, fã do The Bitters e do guitarrista.

A partir do encontro entre David e Novak, o músico começa a falar sobre a sua vida, revelando as razões que o fizeram sumir, dentre elas a relação entre a sua família e a guerra,

dando a David um testemunho formado por suas impressões acerca da chacina que ocorrera em solo jugoslavo.

Jack inicia comentando um pouco sobre a infância, dizendo que nascera na Inglaterra, mas sua mãe era escocesa e seu pai um diplomata da Jugoslávia. Especialmente por causa de seu pai, Jack acaba tendo alguma ligação com o país conturbado. A personagem percebia a apreensão que o pai sentia. No outubro de 1991, Jack recebe a notícia de que seu pai sucumbiu a um ataque cardíaco, horrorizado pelo banho de sangue que ocorria entre sérvios e croatas.

Porém, por mais que o guitarrista discorra que estes foram fatores que o impactaram, comenta que, em um primeiro momento, negava sua ligação de parentesco com o país. Quando questionado pela mídia, era enfático:

Todas as guerras são horríveis e essa não foi melhor. O meu pai nasceu na Croácia, mas sempre me falou de um país chamado Jugoslávia. Ele era jugoslavo. Nunca me falou de sérvios da Croácia, de croatas da Sérvia [...]. Lamento o que aconteceu, lamento muito, mas é-me completamente estranho. (CAMANHO, 2013, p. 89-90)

Por mais que tenha tentado demonstrar indiferença acerca do confronto, Jack, ao considerar sua existência vazia, sente as dores que não só seu pai sentiu com a desesperança causada por uma pátria que se autodestruía, mas com toda a violência passada pelo povo. Enquanto ele desfrutava da fama, pessoas sofriam. Pode-se, devido a postura da personagem, pensar nas palavras do filósofo Arthur Schopenhauer (1788-1860), em *O mundo como vontade e representação: tomo III* (2005):

Se o sentido mais próximo e imediato de nossa vida não é o sofrimento, nossa existência é o maior contra-senso do mundo. Pois constitui um absurdo supor que a dor infinita, originária da necessidade essencial à vida, de que o mundo está pleno, é sem sentido e puramente acidental. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 277)

Na perspectiva de Schopenhauer, a vida é dor, existir está significativamente relacionado ao sofrimento. Novak, no período em que ostenta a sua popularidade no mundo da música, é incapaz de entender tal ideia. Faz-se necessário que a personagem realmente sinta em si experiências dolorosas, o que acontece, pois passa por experiências demasiado traumáticas, dentre elas a situação em que descobre estar com câncer e, principalmente, sua ida à guerra.

Devido a tais questões, o protagonista sente, no sentido mais profundo da palavra, a agonia em sua vida, já que as sensações negativas, antes tão distantes dele, começam a se encontrar na sua realidade. O ser humano, em um pensamento geral, só tem ciência do sofrimento, ou de algum sentimento ruim, quando o vivencia. Novak precisou, passo a passo, ir descobrindo na prática uma realidade distinta do glamour do mundo da música.

A suposta indiferença de Novak começou a desaparecer quando ia compreendendo como a existência pode ser árdua. O filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900), em *Humano, demasiado humano* (2005) diz que “Os juízos dos indiferentes causam muita dor” (NIETZSCHE, 2005, p. 189), mas, no caso da personagem, tal postura se desfaz quando essa

dor invade o seu cotidiano, devido aos conflitos e a doença.

Em determinado momento da ficção, Novak está com a sua tia, a qual é croata. Esta demonstrava preocupação com os acontecimentos em seu país natal. A tia mostra o álbum de fotos da família para o seu sobrinho, enquanto que na televisão imagens vão passando no noticiário que informa sobre o embate. Jack repara haver, em meio a fotos de familiares, um tio muito parecido com ele. A expressão no rosto do tio chamava a sua atenção, fazendo com que sentisse uma maior aproximação com as suas origens:

Lentamente, Jack começou a pressentir que [...] o seu lugar era na Croácia, no meio das ruínas e das ruas peçadas de cadáveres; entre os combatentes e os sofredores, as vítimas e os carcosos; entre os sádicos, os órfãos, as viúvas, os atiradores furtivos e as mulheres violadas. (CAMACHO, 2013, p. 174).

Começa a surgir uma espécie de “sensibilidade” no protagonista do romance quando, mais do que aceitar as suas origens, compreende como se mostra caótico o cenário daquela população. Novak decide ir em direção ao combate, deixando de ser um guitarrista para assumir a postura de um soldado, de alguém que, devido à família e ao emocional, dirige-se ao horror.

Neste momento, a personagem entende que tal violência tem relação com ele e, ampliando a ideia, com todos os indivíduos. Percebendo que, usando-se de um termo schopenhaueriano, “Nosso mundo civilizado não passa de uma imensa mascarada” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 251), Novak nota como estava, anteriormente, cercado por uma futilidade cega frente ao caos da guerra.

Através da postura adotada por Jack, reconhecendo não só o seu vínculo com aquelas pessoas como o terror que se propaga em um espaço atingido pelo ato de guerrear, surge a importância de se pensar na relação entre tais ações de barbárie e a humanidade. Mais especificamente, refletir quanto a dor causada pela guerra e o trauma gerado por estas catástrofes.

Ao longo da existência humana a guerra se faz presente, gerada pelas mais diversas razões. O século XX, visto por muitos como o momento em que surge o homem moderno, não é diferente. A obra de Camacho tem, como um fator crucial para o desenvolvimento de sua narrativa, a presença dos conflitos na Jugoslávia. A personagem, como se observa, lentamente começa a compreender o impacto das batalhas na sociedade e como aquilo o modifica. Torna-se impossível não ser atingido por este tipo de horror.

As calamidades geram, dessa maneira, um afastamento, a guerra forma silenciamentos. Primo Levi (1919-1987), em *É isto um homem?* (1988) observa que “frente à pressão da necessidade e do sofrimento [...], muitos hábitos, muitos instintos sociais são reduzidos ao silêncio” (LEVI, 1988, p. 128). O indivíduo é envolvido pela “bestialidade” que há nos embates, perdendo não apenas algo como a tranquilidade em seu interior, mas as capacidades de socialização com o próximo, ocorrendo, assim, um enfraquecimento das relações de afeto.

Para quem, de algum modo, vivenciou ou estabeleceu relação com a guerra, o lado supérfluo da vida é perceptível, tornando-se evidente. Dialogando com David, Jack diz que sempre quis ser “um homem vulgar” (CAMACHO, 2013, p. 119). Vulgar não somente no

sentido de ficar longe das atenções, mas de ter uma vida simples, livre.

O protagonista entende que ir em direção ao local em que se encontram as suas raízes foi uma maneira de alcançar tal liberdade, livrar-se de uma suposta existência falsa. Contudo, o preço de tal “vulgaridade” é conhecer essa realidade impregnada de dor que é a guerra. O teórico Walter Benjamin (1892-1940), no texto “Teorias do fascismo alemão”, presente no livro *Obras escolhidas volume um* (1987) diz que:

A guerra foge a qualquer economia regida pela inteligência, em sua razão existe algo de sobre-humano, desmedido, gigantesco, algo que lembra um processo vulcânico, uma erupção elementar... uma onda colossal de vida, dirigida por uma força dolorosa, coercitiva, unitária, transbordando sobre campos de batalha [...] (BENJAMIN, 1987, p. 64)

Os embates são a exemplificação da capacidade do homem em propagar o horror, independentemente de sua época ou contexto social. No caso da guerra presente na ficção, existe um teor político junto à uma questão étnica, a qual faz com que Sérvia e Croácia batalhem entre si. Novak, afastando-se de sua carreira de músico, enxerga as proporções negativas do derramamento de sangue, do mesmo modo que o romance retrata a impossibilidade de se fazer indiferente frente ao caos que domina a realidade mundana.

Aquilo que se passa com os outros, atinge o sujeito que acredita não ter envolvimento algum com o que acontece. Novak vai, conforme o desenvolvimento da narrativa, compreendendo esta ideia. Ver os destroços entre os soldados, que se faz sentir no cidadão comum, desperta nele uma conscientização do quão trágica pode ser a guerra.

A personagem obtém algumas respostas, as quais seguem a linha de raciocínio adotada por Zygmunt Bauman (1925-2017) em *Medo líquido*, que pensa nos combates como “sinais de aflição” que “nunca vão parar de piscar”, resultando em relações que “não se fortalecem” (BAUMAN, 2008, p. 94). A partir do pensamento de que existe um vínculo entre os homens, Novak percebe como o confronto entre Croácia e Sérvia segue pelo caminho inverso, afastando as pessoas.

Chegando no campo de batalha, Jack Novak testemunha as cenas de destruição. Vê mortos para todos os lados, um ambiente inóspito de atmosfera hostil. A cada ação que precisa tomar naquele espaço, sente uma parte de si morrendo. Se, por um lado, os danos da guerra lhe fazem sentir sensibilidade e tristeza pelas vítimas, por outro, conviver naqueles destroços lhe traz a sensação de perda, de que a mesma sensibilidade se desfaz. Atente-se ao trecho abaixo, que reflete as impressões da personagem:

A guerra era uma droga desconhecida e tudo o que sabia dos seus efeitos fora-lhe ensinado pelos livros e pelos filmes. Sabia que dependiam de homem para homem e que muito do que cada homem era se revelava nessa adversidade maior chamada guerra. Mas não lera nem vira em lado nenhum o que quer que se assemelhasse ao que agora sentia – e que não era nada épico, esmagador, nada de extraordinário. (CAMACHO, 2013, p. 210)

Os pensamentos da personagem demonstram o quão vazio, e destruído interiormente, o

homem pode se tornar a partir da experiência como combatente. Quando presencia uma família de sérvios serem mortos friamente por seus companheiros soldados, Jack se sente vazio, distante daquilo que é possível chamar de humanidade.

Homens expõem seus “demônios” quando possuem a possibilidade de fazê-lo, a guerra é o cenário que permite o uso do lado não racional, ou seja, instintivo do indivíduo. Por mais que se lute pela pátria, ou por qualquer outro tipo de ideal, usufrui-se da brutalidade cegamente. A pouca importância em matar, que Jack nota nos olhos de seus compatriotas, enfatiza o ponto de vista de Schopenhauer, que afirma na obra *As dores do mundo* (2014): “O mundo é o inferno, e os homens dividem-se em almas atormentadas e em diabos atormentadores” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 28).

Muitas vezes, sem razão alguma, o homem fere a si e ao próximo, sem medir os danos. Age-se por um instinto bruto, cruel e insensível, manifestando-se na mais profunda violência, fazendo com o sujeito trate quem se encontra ao seu redor como algo inferior, como um inimigo ou mesmo como traste.

Levi, em *Os afogados e os sobreviventes*, afirma que os homens são seres “potencialmente capazes de construir uma quantidade infinita de dor; e que a dor é a única força que se cria do nada, sem custo e sem cansaço” (LEVI, 2016, p. 68). Desse modo, a mais ínfima motivação é capaz de estimular o indivíduo a atos bárbaros, e a guerra é a exemplificação da constante capacidade que existe na humanidade de propagar terrores e sofrimentos.

O combate político em que acaba por se envolver a personagem é uma pequena “engrenagem” que capacita o extermínio e catástrofe em seu redor. A narrativa evidencia a questão de que as pessoas são instáveis, sujeitas a, por qualquer tipo de desvios, propagarem tragédias. Jack é estimulado pelas ligações familiares com aquele ambiente, diferente de outros que ali se encontram por ódio ou por dinheiro. Uma das personagens envolvidas com a guerra lhe diz que “Toda a gente tem o desejo de matar; toda a gente, se pudesse, matava alguém. Não gosto particularmente de matar, mas, se for preciso, nem pestanejo” (CAMACHO, 2013, p. 212).

Pode-se dizer que o homem se deixa envolver pela guerra pois, em seu interior, existe uma pré-disposição para a brutalidade. Ademais, as condições do momento, somadas a necessidades específicas, motivam o surgimento das batalhas. Independentemente de ideologias, vê-se a ação de ferir como um método de resolver divergências. Quanto a personagem da ficção portuguesa, ao observar o cenário de ruína, atenta-se para como os preconceitos, o egoísmo e os posicionamentos políticos levam as pessoas por um caminho de demasiado sofrimento.

Devido a esta ideia, reflete-se que a guerra é um meio que pode ser usado como razão para não apenas matar, mas adotar uma postura a qual normalmente não se adotaria. Permitindo normalizar o discurso de ódio e o comportamento animalesco, irracional. Laços afetivos, ou mesmo o simples respeito de um homem para com o outro se desfaz, predominando apenas o desprezo.

Segundo Bauman, no livro *Modernidade e Holocausto* (1998): “[...] o ódio comunitário

mortífero sempre esteve entre nós e provavelmente nunca deixará de existir” (BAUMAN, 1998, p. 111). Ódio este que não possui dificuldades em se formar, sendo usado, muitas vezes, como um pretexto para ferir.

O desgosto por outrem surge naturalmente, usufruindo-se do mais alto grau de preconceito para colocar em prática vontades hostis. No romance, Jack Novak constata como a discórdia entre Croácia e Sérvia tem como base uma distinção racial, ou seja, um desprezo por verem uns aos outros como diferentes ou mesmo inferiores. Hannah Arendt (1906-1975), em *Origens do totalitarismo* (1951), aponta que “a queda das civilizações se deve à degenerescência da raça, e de que esta, ao conduzir ao declínio, é causada pela mistura de sangue” (ARENDDT, 2012, p. 252).

A personagem presencia como aqueles soldados sérvios e croatas se enxergam como ameaças, seres impuros que devem ser eliminados, buscando-se, assim, um crescimento e uma liberdade. A chacina do campo de batalha é o reflexo de tais sentimentos, cada discurso de raiva se manifesta nas atitudes dos combatentes. Arendt discorre como a guerra é esse método de terror usado para extinguir aquilo visto como um problema, causando, entretanto, um ambiente de miséria e a perda da piedade:

A guerra, com a sua arbitrariedade constante e assassina, tornou-se o símbolo da morte [...]. A ânsia de igualdade e justiça, o desejo de transcender os estreitos e inexpressivos limites de classes, de abandonar privilégios e preconceitos estúpidos, pareciam encontrar na guerra um modo de fugir às velhas atitudes condescendentes de piedade pelos oprimidos e deserdados. (ARENDDT, 2012, p. 460)

Dessa maneira, constata-se que a guerra é um veículo capaz de trazer à realidade do homem uma quantidade imensurável de dor. Porém, deve-se pensar em que tipo de dor é esta. Não se trata de algo momentâneo, que ocorre apenas durante o momento dos combates. Pelo contrário, os efeitos desta muitas vezes acompanham combatentes e outros sobreviventes no decorrer de sua existência como rastros que nunca se apagam, feridas que não cicatrizam. Este tipo específico de dor é o trauma.

Define-se o trauma como uma sensação negativa, um sofrimento que não se extingue, alastrando-se no pensamento do sujeito e se tornando uma constante sensação dolorosa. Normalmente, é uma lembrança que continuamente está na memória do traumatizado, como um passado o qual nunca passa, angustiando e atormentando o indivíduo.

Pela psicanálise de Sigmund Freud (1856-1939), explorada em *Além do princípio de prazer* (2016), para surgir o comportamento traumático é preciso uma situação em que ocorra o “susto”, um acontecimento impactante no sujeito, gerando “sintomas fortemente desenvolvidos de sofrimento subjetivo, [...] e às provas de um enfraquecimento e uma deterioração gerais muito mais amplos das atividades psíquicas” (FREUD, 2016, p. 47).

Através do trauma, o indivíduo se vê atingido de tal maneira que sua mente fica conturbada, seus pensamentos confusos e um temor se intensifica em seu interior. Torna-se, a partir de um termo freudiano, neurótico, obcecado, contra a própria vontade, pelas recordações

do momento traumático. A dor, advinda da experiência que o traumatizou, encontra-se sempre presente, como uma marca incapaz de desaparecer.

Tal situação torna o sujeito um prisioneiro de sua vivência atormentadora que faz com que surjam, inclusive, alucinações no intuito de preservar a mente do traumatizado, com este entrando em conflito com a realidade. Freud, em *Neurose, psicose e perversão* (2016), destaca que “toda a neurose perturba, de alguma maneira, a relação do doente com a realidade; de que a neurose é, para ele, um meio para se afastar da realidade; e de que, em suas formas graves, a neurose significa diretamente uma fuga da vida real” (FREUD, 2016, p. 279). Logo, aquele que é atingido pelo trauma nunca mais percebe o mundo da mesma maneira, seja por uma tentativa de proteção ou, simplesmente, por ter uma nova concepção de realidade através da dor que sentiu e continua a sentir.

No percurso feito pela personagem de Francisco Camacho, a experiência da guerra é o fator que origina a neurose traumática. Jack Novak sucumbe de tal modo que se vê oprimido por aquela chacina, impossibilitado de se desapegar das imagens de destruição e morte. As relações sociais, e qualquer atitude de compaixão, desaparecem. Novak testemunha a animalidade, no sentido mais pejorativo da palavra, que pode ser manifestada pelo homem.

Levi define, sucintamente, o trauma nesta linha pensamento, como “uma ferida profunda infligida à dignidade humana, um atentado obscuro e cheio de presságios; mas também o sinal de uma malignidade deliberada” (LEVI, 2016, p. 90). Assim, os sintomas traumáticos, vindos da guerra, tem essa perda da dignidade, sendo, a partir de uma indiferença violenta, uma marca que gera o fim de qualquer respeitabilidade entre os indivíduos.

O trauma é um fardo que Jack Novak não consegue sustentar, e isso o consome emocional e psicologicamente, sendo um prisioneiro das memórias da guerra, recordações que se manifestam, como já antes se observou, nos sonhos em que escuta o som das metralhadoras. Freud observa:

A vida onírica da neurose traumática apresenta a característica de reconduzir o paciente repetidamente à situação de seu acidente, da qual acorda com susto renovado. [...] Acredita-se que o fato de a vivência traumática se impor repetidamente ao paciente até durante o sono seja precisamente uma prova da força da impressão deixada por essa vivência. (FREUD, 2016, p. 48-49)

Este acidente é a prisão de Novak, as incansáveis recordações do campo de batalha. Mesmo com o fim dos conflitos, para quem a vivenciou é um eterno purgatório em que o trauma ressalta as características mais dolorosas. O guitarrista se retira do embate, vê a nação pela qual decidiu se importar desmoronar, e os escombros fizeram surgir as impressões que a personagem carrega no seu interior.

Por tais fatores, Jack sentiu ser preciso desaparecer. O traumatizado é aquele que, depois da experiência dolorosa, não consegue mais se encaixar na sociedade e na vida que levava antes do incidente. Carregando seus pesares, Jack pede para o crítico musical David escrever uma biografia sobre si, intitulada “A última canção da noite”. As marcas daquela época sanguínea acabam por ser parte da personagem, aquele Novak é o resultado do trauma. Mesmo que ele

diga que “jamais voltaria à terra dos antepassados” (CAMACHO, 2013, p. 228), o ex-integrante do *The Bitters* é um homem fragmentado pela destruição que se passou, uma ligação com um passado que não desaparece.

O teórico Márcio Seligmann-Silva (1964) discute acerca de como o traumatizado tem dificuldades de seguir a sua vida depois da experiência pela qual passou, tendo o passado invadindo o seu presente, ou seja, um rememorar que o impossibilita seguir adiante, desprender-se dos traumas. Seligmann-Silva aponta, na obra *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução* (2005), que “[...] o elemento traumático do movimento histórico penetra nosso presente tanto quanto serve de cimento para nosso passado” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 64).

Por tal invasão do passado traumático, o sujeito se encontra com dificuldades para habitar em sociedade depois dos acontecimentos conturbadores. Seligmann-Silva destaca a importância do testemunho, como um método encontrado pelo traumatizado para sobreviver ao pós-catástrofe, resistir à agonia de suas memórias. A personagem exerce tal tentativa ao falar sobre a sua história para David.

As vítimas do trauma tentam se proteger, ou mesmo se encontrar, a partir da tentativa de conscientizar o outro, fazer com que compreenda esta realidade. Em *O testemunho: entre a ficção e o “real”*, Seligmann-Silva atenta que “o testemunho justamente quer resgatar o que existe de mais terrível no ‘real’ para apresentá-lo” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 375). Esse teor terrível da existência é a dor nascida do trauma.

Em suma, a narrativa portuguesa traz um homem que tem uma mudança de realidade brusca. Depois de sua imersão na guerra, Novak não foi mais o mesmo. O terror da guerra, e o trauma vindo da mesma, transformaram-no em algo difícil de se definir. Talvez um sobrevivente, talvez uma vítima, talvez apenas um homem influenciado por um mundo no qual se diz haver um desenvolvimento tecnológico e cultural, mas que estimula o homem, no decorrer do passar dos tempos, aos mais diversos conflitos, estimulados tanto por ideologias como por instintos bárbaros.

Referências

ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: volume um*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CAMACHO, Francisco. *A última canção da noite*. Alfragide: Dom Quixote, 2013.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer*. Porto Alegre: L&PM, 2016.

_____. *Neurose, psicose, perversão*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

LEVI, Primo. *É isto um homem?*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Os afogados e os sobreviventes*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*: tomo III. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2005.

_____. *As dores do mundo*. São Paulo: EDIPRO, 2014.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O Local da diferença*: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Ed. 34, 2005.

